



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS

DEPARTAMENTO DE SAÚDE COLETIVA

LUÍSA MILANO NAVARRO

“O QUE SE PASSA POR AQUI”:

**CARTOGRAFANDO PROCESSOS DA OFICINA DE PALAVRAS EM UM CENTRO
DE CONVIVÊNCIA**

Campinas

2019



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COLETIVA

LUÍSA MILANO NAVARRO

**“O QUE SE PASSA POR AQUI”:
CARTOGRAFANDO PROCESSOS DA OFICINA DE PALAVRAS EM UM CENTRO
DE CONVIVÊNCIA**

Trabalho de Conclusão do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental. Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas - Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Orientador: Bruno Ferrari Emerich

Campinas

2019

“Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade”.

(Clarice Lispector)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Residência propõe-se a apresentar e descrever o processo de reflexão, construção e encontros do grupo “Oficina de Palavras”, iniciado em abril de 2018 durante meu trabalho de campo do segundo ano de formação na Residência Multiprofissional de Saúde Mental da UNICAMP. O grupo surge em pensamento logo no início de minha experiência no Centro de Convivência “Rosa dos Ventos”, localizado no distrito Sul de Campinas (SP), espaço onde realizei intervenções através da Residência, no ano de 2018. Para percorrer este trajeto, serão utilizados pistas e recursos do Método da Cartografia, postulado por Deleuze e Guatarri (1995). A partir de uma revisita aos diários de campo, registros afetivos e inquietações suscitadas por estes afetos, buscar-se-á compreender os processos de criação da Oficina, o que a produz e o que por ela é produzido. Captar o processo do construir cotidiano da Oficina de Palavras através de seus movimentos, acontecimentos e desdobramentos-tanto no decurso de minha formação enquanto profissional psicóloga da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), quanto no cotidiano do CECO e dos frequentadores do grupo- levantando reflexões acerca dos modos de subjetivação e produção de vida observada nas ações da Oficina de Palavras a partir da interlocução do cuidado com a arte e a produção do comum.

Palavras-chave: Cartografia; Oficinas; Centro de Convivência; Produção de vida.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	05
1.1 Os Centros de Convivência (CECOS).....	06
1.2 Os Centros de Convivência no Município de Campinas (SP).....	08
1.3 O Centro de Convivência Rosa dos Ventos.....	09
2. A Oficina de Palavras e “O que se passa por aqui”: cartografando o Processo.....	10
2.1 Os primeiros passos de um longo caminhar.....	13
2.2 Inventando a nossa linguagem ou O caminhar da Oficina de Palavras.....	16
2.3 Ampliando o limiar de desterritorialização: a construção do Fanzine, os passeios e a ida à Biblioteca Municipal de Campinas.....	21
3. Considerações finais.....	23
4. Bibliografia.....	26

1. Introdução

O grupo que posteriormente nomear-se-ou “Oficina de Palavras” surge em pensamento logo no início de minha experiência enquanto residente de Saúde Mental no Centro de Convivência “Rosa dos Ventos”, localizado no distrito Sul de Campinas (SP). O presente trabalho propõe-se a apresentar e descrever o processo de reflexão, construção e encontros do grupo, iniciado em abril de 2018. Para percorrer este trajeto, serão utilizadas pistas e recursos do Método da Cartografia, postulado por Deleuze e Guattari (1995). Os autores apresentam a Cartografia como uma metodologia que tem seu norte no acompanhamento de processos. Trata-se da investigação de um processo de produção.

Conforme aponta Rolnik (1989), o termo “cartografia”, oriundo da geografia, traduz o método de desenhos feitos simultaneamente aos movimentos de transformação da paisagem. O que Deleuze e Guattari propõem em sua metodologia cartográfica aproxima-se da definição expressa na geografia, na medida em que “paisagens psicossociais também são cartografáveis” (ROLNIK, 1989, pág. 2), sendo a prática de um cartógrafo, portanto, inevitavelmente relacionada aos meios da formação dos desejos no campo social, independente de qual âmbito da vida social e da existência humana o cartógrafo ponha-se a acompanhar. É fundamental para o exercício da cartografia, portanto, manter-se atento às estratégias do desejo em qualquer âmbito da existência humana sob o qual o cartógrafo debruce suas investigações.

Para Escóssia, Kastrup & Passos (2015) a cartografia, enquanto aposta na experimentação do pensamento pode ser uma valiosa ferramenta para acompanhar o processo da Reforma Sanitária Brasileira, bem como “a reforma e as lutas macro e micropolíticas para a produção de políticas públicas no Brasil” (ESCÓSSIA, KASTRUP & PASSOS, 2015, pág. 12). Ainda, para os três autores, o método do qual reúnem pistas não se trata de uma metodologia a ser aplicada, mas sim experimentada, assumida como atitude sem, contudo, perder o rigor. Neste sentido, propõem uma ressignificação do rigor:

“(…) Com isso não se abre mão do rigor, mas esse é ressignificado. O rigor do caminho, sua precisão, está mais próximo dos movimentos da vida ou da normatividade do vivo, de que fala Canguilhem. A precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção. (ESCÓSSIA, KASTRUP & PASSOS, 2015, pág. 11)

A cartografia vista sob esta perspectiva, aproxima-se ao que Rolnik (1989) apresenta quando coloca ao sujeito que a produz, enquanto cartógrafo mergulhado nas intensidades de seu tempo- atento às diferentes linguagens que encontra pelo caminho a tarefa de “dar língua a afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 1989, pág. 01).

Incontáveis afetos pediram passagem ao longo do trabalho de campo realizado no meu encontro com o Centro de Convivência e com a Oficina de Palavras. A partir de uma revisita aos diários de campo, registros afetivos e inquietações suscitadas por estes afetos, buscar-se-á compreender os processos de criação da Oficina, o que a produz e o que por ela é produzido. Captar o processo do construir cotidiano da Oficina de Palavras através de seus movimentos, acontecimentos e desdobramentos-tanto no decurso de minha formação enquanto profissional psicóloga da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), quanto no cotidiano do Ceco e dos frequentadores do grupo- levantando reflexões acerca dos modos de subjetivação e produção de vida observada nas ações da Oficina de Palavras a partir da interlocução do cuidado com a arte e a produção do comum.

Para dar continuidade a esta desafiadora tarefa, faz-se pertinente uma compreensão mais detalhada acerca do funcionamento, objetivos e origem dos dispositivos denominados Centros de Convivência (Cecos). Em seguida, uma breve explanação acerca das particularidades destes serviços na RAPS da cidade de Campinas ajudará a compreender o contexto em que se insere o Ceco Rosa dos Ventos e enfim, o meu encontro com este dispositivo e o construir diário da Oficina de Palavras.

1.1 Os Centros de Convivência (CECOS).

Tal qual grande parte dos serviços e práticas hoje instituídas como Políticas Públicas que compõe a Rede de Atenção Psicossocial, os CECOS surgiram a partir de práticas exitosas e revolucionárias no campo do cuidado. As primeiras experiências aconteceram na cidade de São Paulo, no final da década de 80.

De acordo com Galletti (2004), foi sob gestão da prefeita Luiza Erundina, entre os anos de 89 a 92, que os Centros de Convivência nasceram enquanto serviços intersecretariais, compondo uma Rede de Saúde que se estruturou buscando alinhamento com os princípios da Reforma Psiquiátrica, substituindo práticas de saúde hegemônicas de caráter hospitalocêntrico e asilar. Implantados em espaços públicos, como parques e praças, os CECOS nascem com a

proposta de constituir-se enquanto espaços alternativos de convivência, abertos a toda a população, com principal enfoque na inclusão das diferenças, tendo como público-alvo:

“os setores populares que tinham menores chances de vida –‘vida física’ e ‘vida psíquica’- cuja identidade é marcada pelo estigma que marginaliza e segrega (...)”. (GALLETTI, 2004, pág. 53)

Sendo assim, conforme aponta Aleixo (2013), o principal objetivo do dispositivo encontra-se na produção, mediação e investimento em encontros com a diversidade e na convivência como produtora de cuidado.

A proposta dos CECOS consiste na busca por:

“inclusão, cuidado, pertencimento, grupalidade e descoberta de outras formas possíveis de expressão da vida (...). Sua estratégia de ação está no ato de convidar, oferecer, compartilhar, proporcionar ao outro algo de bom a cada encontro, mediado pela convivência como promotora de cuidado”. (ALEIXO, 2013, pág. 92)

O documento de Normatização das Ações nos Centros de Convivência e Cooperativas Municipais, elaborado pela Prefeitura Municipal de São Paulo (1992) aponta a equipe dos CECOS enquanto “interventora-facilitadora” da convivência, tendo as primeiras experiências do município, segundo Aleixo (2013), uma equipe composta por profissionais de diversos núcleos da área da saúde, além de educadores, sociólogos e equipes de apoio.

Seguindo o fluxo das experiências iniciais de São Paulo, outros municípios brasileiros como Belo Horizonte e Campinas investiram na implementação de Centros de Convivência na composição da Rede de cuidados em Saúde Mental. (FERIGATO, CARVALHO & TEIXEIRA, 2016)

A Reforma Psiquiátrica brasileira, no trilhar de sua trajetória, teve muitas de suas propostas e ações oficializadas por legislações e portarias, transformadas em Políticas Públicas e diretrizes oficiais para o cuidado em Saúde Mental.

No caso dos Centros de Convivência, não existem políticas públicas oficiais de financiamento e implementação, sendo equipamentos investidos em poucos municípios brasileiros. Contudo, a aprovação da Portaria Ministerial 3088 de dezembro de 2011, que oficializa a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) como estratégia principal para viabilizar o cuidado e reabilitação psicossocial dos sujeitos em sofrimento psíquico, os CECOS são

apontados como equipamentos da Atenção Básica que integram esta Rede e são fundamentais nas ações de inclusão social.

Conforme aponta a portaria do Ministério da Saúde, os CECOS definem-se enquanto espaços oficiais de cuidado, destinados à população em geral, que ofertam possibilidades de sociabilidade, intervenção na cultura e na cidade. (Portaria 3088, 2011)

Para dar conta do que se propõe o, CECO tem no bojo de suas estratégias de ação a realização de práticas coletivas que, segundo Aleixo (2013), para viabilizar a produção de convivência social, funcionam através da oferta de oficinas, grupos e ações comunitárias, criando verdadeiros “espaços de produção” (Aleixo, 2013, pág. 94). O tema das oficinas enquanto dispositivos centrais para a promoção de saúde e cuidado que se objetiva nos Centros de Convivência merece maior detalhamento e será apresentado mais adiante, no percurso deste trabalho.

Tendo agora um panorama geral da origem e principais objetivos dos CECOS, bem como pistas acerca de seu funcionamento, composição de equipe e atual lugar na estruturação das Políticas Públicas de Saúde no cenário nacional, entender como se inserem e funcionam estes equipamentos na RAPS de Campinas ajudará a contextualizar, de maneira mais abrangente, os processos que acarretaram na escolha do grupo Oficina de Palavras como tema de investigação e escrita do presente Projeto de Conclusão de Residência.

1.2 Os Centros de Convivência no Município de Campinas (SP)

Como anteriormente mencionado, já nos anos 90 o município de Campinas foi um dos pioneiros nas experiências com os Centros de Convivência, sendo a primeira delas localizada entre os anos de 95 a 97. Um dispositivo “embrionário”, de acordo com Ferigato (2013) foi construído a partir da mobilização de trabalhadores de um Centro de Saúde, e funcionou em espaço cedido por uma igreja do território onde o CS estava inserido, neste contexto eram ofertadas atividades junto à comunidade.

No transcorrer de mais de 10 anos (1995 a 2008) marcada sua primeira experiência, Campinas foi campo fértil para o surgimento e consolidação de Centros de Convivência com origens, territórios e propostas bastante heterogêneas, conforme aponta Ferigato (2013). De acordo com a autora, enquanto alguns CECOS tiveram sua origem a partir da Atenção Básica, outros nasceram fortemente vinculados à Luta Antimanicomial e aos ideais da Reforma

Psiquiátrica. Também houve aqueles que se iniciaram através da articulação da comunidade, movimentos sociais e parcerias intersetoriais. “Cada CECO tem uma história própria, uma constituição singular e uma consolidação diferente” (FERIGATO, 2013, pág. 115).

“Cada história traz aspectos que imprimem suas marcas na constituição de cada espaço e transforma cada CECO numa proposta singular. O modo como se pensa convivência, o modelo de saúde, a apropriação por parte da comunidade em cada CECO tem registros próprios que não estão desvinculados de suas trajetórias”. (FERIGATO, 2013, pág. 116)

1.3 O Centro de Convivência Rosa dos Ventos

O Centro de Convivência “Rosa dos Ventos” nasce no ano de 2005, em experiência do distrito Sul da cidade de Campinas. O projeto, de acordo com Ferigato (2013), inicialmente denominado “Casa-Escola”, foi iniciativa de profissionais do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) da região Sul, em parceria com profissionais da Fundação Municipal para Educação Comunitária (FUMEC).

Aleixo (2016) aponta que o espaço foi idealizado pelos trabalhadores do Centro de Atenção Psicossocial enquanto possibilidade de ampliação da socialização e circulação de seus frequentadores. Negociou-se, então, o aluguel de uma casa próxima ao CAPS, na qual eram ofertadas aulas de alfabetização para adultos, e algumas oficinas mediadas por trabalhadores do CAPS que passaram a compor parte de sua carga horária de trabalho na “Casa-Escola” Rosa dos Ventos.

No ano de 2009, o dispositivo que tinha sua gestão compartilhada com outros dois CECOS de Campinas, passa a ter equipe e gestão próprias em virtude do fortalecimento da política dos Cecos, protagonizada pelo Fórum dos Cecos de Campinas. Nesta época, chamava-se não mais “Casa-Escola”, mas sim “Centro de Convivência” Rosa dos Ventos, já que suas ações se aproximavam ao que vinha sendo desenvolvido nestes dispositivos. (Aleixo, 2016)

O Ceco Rosa dos Ventos mudou de sede em 2012, passando a ocupar a casa na qual funciona atualmente, em uma movimentada avenida do distrito Sul do município.

Ao longo dos anos de existência, o quadro de trabalhadores variou em sua composição, e no momento presente conta com duas profissionais de ensino superior

(Psicóloga e Terapeuta Ocupacional), uma gestora, uma monitora e uma auxiliar de limpeza. Além destas, participam das ações e atividades do serviço uma estagiária do programa Jovem Aprendiz, estagiários de Psicologia e Terapia Ocupacional vinculados a diferentes Universidades e, enfim, uma residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental da Unicamp – lugar do qual falo, no meu encontro com o dispositivo.

Uma variada oferta de oficinas e atividades compõe o cotidiano do Ceco Rosa dos Ventos, que possibilitam a experimentação com o corpo (Dança do Ventre; Ioga; Movimento Vital Expressivo), com a arte (Ateliê de Artes, Grupo de Música, Grupo de Cinema), além de passeios e parcerias com as mais diversas instituições e serviços, ampliando os espaços de circulação e atuação do Centro de Convivência no território.

Conforme aponta Aleixo (2016):

“Essas atividades abrangem um conjunto de oficinas, grupos, propostas de encontros, propostas de conexões, propostas de possíveis desvios na produção de cuidados, nas produções de desejos de trajetórias singulares que se expressam nos coletivos”. (pág. 39)

É neste contexto que em fevereiro de 2018, início minhas atividades de segundo ano de Residência no Rosa dos Ventos.

2. A Oficina de Palavras e “O que se passa por aqui”: Cartografando o Processo

“Sempre que o Cartógrafo entra em campo há processos em curso”.
(DE BARROS & KASTRUP, 2009, pág. 56)

Foi no “processo em curso” Rosa dos Ventos, com suas histórias e múltiplos componentes que o configuram no presente, que cheguei ao início deste ano, para realizar as atividades de campo da Residência. A escolha de estar enquanto residente em um Centro de Convivência era para mim verdadeiramente desafiadora – foi um período de incessantes novidades. Desafiei-me enquanto profissional, desafiei meus entendimentos prévios em relação a trabalhos com grupos, meu núcleo de formação, e, sobretudo, desafiei meu constante tornar-se psicóloga no contexto das Políticas Públicas de Saúde Mental.

Sendo os Cecos de acordo com Galletti (2004) dispositivos que se localizam na fronteira entre o campo da clínica e o campo social, a ampliação do conceito mais formal de clínica me foi produtora de muitos estranhamentos e inquietações. As Oficinas, principais dispositivos institucionais implementados no Ceco, convocam para uma desestabilização dos núcleos profissionais e especialidades, das funções pré-estabelecidas.

As conversas, ações e atividades não envolvem atendimentos individuais, não são pautadas na intervenção medicamentosa, ou em diagnósticos psiquiátricos. A única agenda é aquela que oferta as oficinas semanais. A ampliação das formas de cuidado em um espaço que pensa Projetos de Vida, ao invés de Projetos Terapêuticos, fez-me perceber e sentir em sua radicalidade o redimensionamento dos lugares e papéis na construção do cuidado, tal qual aponta Galletti (2004). A autora conclui:

“Portanto, o embaralhamento dos papéis do ‘terapeuta-oficineiro’, da ‘terapia-oficina’ e do ‘paciente-usuário’ desenvolveu novos contornos para essas montagens clínicas, (...) mistos de teorias e de práticas que as próprias experiências foram constelando”. (Pág. 59)

Antes de perceber a transformação de minhas práticas, conseqüente do contato com o CECO, com alegria e paixão, muitas vezes as evidentes mudanças de cenário e práticas foram vividas com medo e muitas dúvidas. Tornar-se trabalhadora do CECO e abraçar seu caráter transformador foi um longo processo que agora toma um novo tipo de forma, na medida em que escrevo este trabalho.

De Barros & Kastrup (2009), ao lançarem mão de conceitos da etnografia para abordar pistas e reflexões acerca do método cartográfico apontam, na aproximação entre as duas ferramentas, que a pesquisa cartográfica requer do cartógrafo a inserção em um território inicialmente por ele não habitado. Valendo-se da “observação participante” etnográfica, o cartógrafo mantém-se em contato direto com as pessoas e o território existencial do campo em que se insere, na medida em que experimenta sempre algum grau de afastamento e estranhamento da vida ali percebida e sentida.

Tal qual uma aprendiz de etnógrafa-cartógrafa, adentrei o espaço Rosa dos Ventos com curiosidade e vontade, busquei conhecer todas as oficinas, aos poucos desbravei parte do território que o CECO compõe. No espaço de Convivência, entre atividades, antes das aulas da FUMEC, durante grupos e oficinas, ouvi os frequentadores do Rosa dos Ventos contarem suas histórias. Já nas primeiras semanas em campo, entrei em contato com material produzido pela equipe do serviço, no ano de 2016: uma revista com relatos de experiências das trabalhadoras acerca do cotidiano de trabalho e da potência transformadora do CECO em suas práticas e acontecimentos. Participando do grupo de Dança do Ventre, conheci um caderno do grupo, no qual as dançarinas deixam suas impressões e sensações da oficina. Ao desbravar as pastas em que se registram as presenças e encontros das oficinas, encontrei um caderno intitulado “Ideias e Sentimentos do Mosaico”. Durante uma tarde inteira, escrevi cartas com

Clarice¹ (nome fictício), frequentadora antiga do Ceco e assídua aluna da FUMEC. Esta personagem tão real tornou-se protagonista no processo de construção da Oficina de Palavras. Sem pressa, chegaremos lá.

Estas vivências conduziram-me a uma espécie de detecção dos signos e forças que ali circulavam, a percepção de “forças do processo em curso”, tal qual postulado por Kastrup (2007, pág. 15). Conforme a autora:

“A detecção e a apreensão de material, em princípio desconexo e fragmentado, de cenas e discursos, requerem uma concentração sem focalização, indicada por Gilles Deleuze (2006) no seu Abécédaire através da ideia de uma atenção à espreita”. (KASTRUP, 2007, pág.15)

A tentativa de acolher aquilo que surgiu da espontaneidade destes encontros, a atenção a todas estas experiências, que não necessariamente tinham um sentido imediato e um comum entre si, apresentaram-se enquanto “movimentos emergentes, signos que indicam que algo acontece, que há uma processualidade em curso”. (KASTRUP, 2007, Pág. 18)

Estes movimentos me recordaram grande paixão e afinidade com a expressão e significação através da escrita. Somadas a estas observações e aos pensamentos suscitados a partir delas, a percepção de que os grupos e atividades organizadas pelas trabalhadoras do CECO alinhavam-se com práticas e formas de expressão que também lhes faziam sentido em outros âmbitos da vida, trouxeram até mim o desejo de surgir uma nova proposta de Oficina para o espaço.

Como residente aprendiz de “cartógrafa-etnógrafa”, mergulhada no campo, em posição de estranhamento inevitavelmente transitória, portanto, estrangeira, senti-me pronta para o desafio de passar da “observação participante” vivida até então, para uma “participação observante”, tal qual apontada por De Barros e Kastrup (2009) apud. Cicourel (1980).

Ao final de março de 2018, as reflexões tornaram-se ato, quando propus à L. (Terapeuta Ocupacional da equipe) a construção de um espaço em que seus participantes pudessem experimentar a escrita como forma de expressão de ideias acerca de si e do mundo, tendo sempre como pano de fundo as percepções acerca do Ceco e seus frequentadores bem como dinâmica de funcionamento, missão e principais objetivos dos Centros de Convivência enquanto componentes da Rede de Atenção Psicossocial.

¹ Os nomes dos frequentadores do Centro de Convivência e da Oficina de Palavras foram substituídos, neste trabalho, por nomes de escritores da literatura brasileira.

Preocupava-me, neste momento, em compor um espaço pensado e entendido através da noção de oficina postulada por Galletti apud Lopes (1996), que considera este dispositivo enquanto um instrumento quase sempre experimental, que não se embasa em concepção teórica rígida, ou formas pré-estabelecidas de funcionamento. Trata-se de um dispositivo, portanto, construído essencialmente no cotidiano, pelos usuários e técnicos. Um grande escopo de atividades e práticas podem englobar este conceito de Oficinas, desde que se desenhem em um campo entendido como clínico, no qual os instrumentos e técnicas da oficina sirvam em função de facilitar e propiciar a “expressão dos sujeitos”, além de, especialmente no campo dos serviços de Saúde Mental, assumirem caráter “reabilitador”, no qual os projetos estão voltados para a inserção e reinserção do sujeito à sociedade. (GALLETTI apud LOPES, 1996)

Na manhã de quinta-feira em que expus minhas ideias para L. descobri que ela, por sua vez, tinha tantas outras que entendemos que poderiam compor a construção de uma nova Oficina. Outras conversas seguiram esta primeira, a criação do grupo foi pautada em reunião de equipe, supervisão individual e grupal na UNICAMP, em conversas com os frequentadores do serviço e em preceptoria de campo.

Eu e L. com a ajuda destes recursos pensamos em algumas atividades que poderiam disparar os encontros, a partir daí divulgamos o início do grupo nas demais Oficinas e atividades do Ceco, nos espaços de convivência, nas aulas da FUMEC, e convidamos alguns frequentadores pelo telefone, pensados pela equipe enquanto sujeitos que pudessem apreciar este espaço. A “Oficina de Palavras” surge então como novo processo, a ser colocado em curso.

2.1 Os primeiros passos de um longo caminhar.

Na manhã de 19 de abril (uma quinta-feira) nos reunimos pela primeira vez. O relógio marcava dez e meia da manhã, horário pensado levando em conta o fim das aulas da FUMEC e menor oferta de atividades no serviço neste período da semana.

Para disparar a conversa inicial e nosso contato com a proposta de grupo que ali se formava, nós, mediadoras, sugerimos a escrita de cartas a serem endereçadas para alguém que cada membro do grupo gostaria de escrever contando alguma coisa – qualquer coisa que desejasse.

Estavam presentes 10 frequentadores do Ceco. Sentamos em torno da comprida mesa que ocupa toda a extensão no exterior do lado esquerdo do Rosa dos Ventos. Formamos uma espécie de círculo em que podíamos todos e todas, olhar-nos nos olhos. Do total de participantes deste início, cinco haviam sido especificamente convidados para participar do grupo, os outros cinco estavam nas aulas da FUMEC ou pelo espaço do serviço. Na mediação nos fizemos três: Eu, L. e R. (Estagiária de Terapia Ocupacional da PUCC).

Sendo o Centro de Convivência e seus dispositivos espaços abertos, onde os frequentadores podem ir e vir a qualquer momento - conforme nos lembra Galletti (2004) muitos dos presentes neste primeiro encontro foram, vieram, retornaram, ou não. Alguns permaneceram e estabeleceram profundas relações de vínculo e sentido com o que foi tornando-se a Oficina de Palavras.

O encontro iniciou com cada um se apresentando. Dissemos nossos nomes e algo que gostamos (de fazer, de comer, de ser...) e em seguida nos propusemos a dizer o que esperávamos deste encontro de pessoas, que, no início tímidas, aos poucos engataram em uma conversa sobre os contatos dos ali presentes com a escrita.

Neste início já foi possível perceber que cada um ali experimentou (ou não) diferentes contatos com os códigos da língua portuguesa, escrita, lida ou falada. Em uma maioria, pessoas não alfabetizadas ou em processo de alfabetização, outras com mais facilidade com a escrita e a leitura. No espaço que em sua origem chamou-se “Casa-Escola”, reunia-se um novo conjunto de corpos para experimentar um novo espaço. Muitos destes, matriculados como alunos da FUMEC veem no Ceco o lugar da escola. Lugar de aprender.

Cada subjetividade ali partiu de contatos singulares com a criação de palavras. Pessoas com muito a dizer e expressar, mas que em algum ponto de suas vidas, ou durante quase toda sua trajetória, vivenciaram as consequências da desvantagem social, do sofrimento psíquico e da privação de direitos básicos – como a educação formal.

Por distintas razões, cada um dos presentes- neste primeiro encontro e em todos os outros-experimentou o dissabor de não se enquadrar na norma hegemônica de nosso contemporâneo: acompanhar os processos de aprendizagem e o ritmo impresso no modo de produção capitalista. A falta de investimento tanto subjetivo quanto enquanto sujeitos de direito que distanciou a maioria dos participantes da tão erudita língua portuguesa escrita não

os privou, contudo, de escolher a palavra escrita para expressar-se. Delineava-se, sob esta perspectiva, o tal “perfil” do grupo.

Na conversa sobre a escrita das cartas, surgiram sugestões das pessoas que se sentiam mais falantes, empolgadas. Propostas de trocas de cartas entre os membros do grupo, cartas escritas “de si para si” e cartas que contassem histórias de vida foram nomeadas. Após nossa primeira conversa enquanto grupo que surgia, colocamos então a mão na caneta e o risco no papel. A proposta primeira, de escrita de cartas, foi ao encontro do desejo de apenas uma das participantes do grupo, que aqui chamaremos de Lygia. O instante foi então marcado por uma escrita livre, em que a maioria escolheu contar um pouco de si - rotinas, gostos, aflições, sonhos e cotidiano.

Com as participantes que apresentam menor facilidade com a língua escrita, nós mediadoras nos dividimos para acompanhar o processo, emprestando nossas mãos para colocar as ideias no plano concreto. As produções foram partilhadas em roda.

Desde seu primeiro momento, o grupo produziu muitas reflexões, e o surgimento de poderosos afetos e abertura ao sensível. Antigos frequentadores do Ceco trouxeram em suas palavras, novidades a respeito de si - antigos conhecidos, desconhecidos que chegam, reconhecendo-se em um espaço novo dentro de um território já há tanto tempo habitado.

Lygia, em princípio tímida e reservada, emocionou-se ao compartilhar com o grupo os sentimentos endereçados à suas irmãs, pedindo para que viessem visitá-la. Outra participante que acabou por fim também escrevendo cartas foi Clarice, que as destinou a pessoas de sua família, já falecidas – mãe, tia e avó. Fui eu quem a auxiliou no processo e, já tomada de grande emoção, percebi o grupo emocionar-se comigo no momento da leitura.

Todos quiseram deixar seus escritos no Ceco, combinamos então que o grupo teria uma pasta para guardar as produções e um caderno para anotar ideias e impressões de cada encontro.

O encontro chega ao fim. Uma hora e meia de início e três mediadoras exaustas. Em conversa posterior, nomeamos algumas dificuldades em relação ao encerramento – os ritmos, os tempos de cada um eram muito distintos. Parte dos participantes que tem aproximação maior com a escrita terminaram a atividade antes, não esperando o encerramento. O número de participantes que parecia precisar de mais atuação nossa no processo de criação era maior

do que o número de mediadoras que, embora disponíveis e dispostas, viam-se em alguns momentos cheias de dúvidas em relação ao que estava acontecendo ali.

A pressa de ver a constituição não de um agrupamento ou conjunto de indivíduos, mas de um coletivo dinâmico me pareceu descabida e verdadeiramente precipitada naquele primeiro momento – das tantas coisas que aprendi com a Oficina de Palavras, talvez uma das mais preciosas tenha sido o exercício constante de respeitar os tempos dos quais necessitam os sujeitos e os processos. Isso, evidentemente, foi algo que veio com transcorrer dos encontros, sentimento que avançou concomitantemente ao processo de criação da Oficina.

Existia o desejo de “fazer o grupo dar certo”, e ainda existe. Embora os sentidos de um grupo que “dá certo” terem sido tantas e tantas vezes redimensionados, na medida em que a cada encontro formava-se um novo grupo. Entendi, desde este primeiro instante, que as Oficinas nos Cecos, tal qual apontadas por Galletti (2004), são o grande desafio colocado aos trabalhadores, pois convocam, constantemente, a “recriação de si e das próprias experiências”. (GALLETTI, 2004, pág. 59)

Já neste primeiro dia, o encontro nos apresentou aquilo que fez o “Grupo de Escrita” tornar-se a “Oficina de Palavras” - o maior desafio para as mediadoras, e também uma das maiores potencialidades e belezas do grupo: em sua grande parte, as pessoas que o buscam e o compõe são estas que experimentam outras relações com a linguagem. Pessoas que não necessariamente leem e escrevem, mas que se atrevem a desejá-lo. Pessoas que buscam este recurso e têm ânsia e desejo de dizer sobre si.

E o Ceco, lugar aberto a todos, que preconiza a escolha e autonomia dos que por ali transitam e tem em seu cerne a inclusão de sujeitos no laço social, além de apresentar a possibilidades da criação de novos lugares subjetivos, nunca antes experimentados, tornou-se cenário para a realização desta transformadora tarefa que é dar passagem aos desejos e afetos dos potenciais escritores que se reuniram na Oficina.

2.2 Inventando a nossa linguagem ou O caminhar da Oficina de Palavras.

Deste primeiro momento até o presente, transcorreram-se encontros semanais. Com um início mais turbulento, aos poucos a apropriação do espaço da Oficina de Palavras por parte de todos os sujeitos ali implicados tornou os encontros mais fluidos.

Agora que retomo a experiência, entendo que talvez eu é que tenha aprendido a existir no grupo com mais fluidez. Em um dos textos que esta jornada que agora escrevo me trouxe, aprendi que o cartógrafo “pelo menos em seus momentos mais felizes, ele não teme o movimento”. (ROLNIK, 1989, pág. 2)

A Oficina de Palavras e suas preciosas produções movimentaram muito em mim. Isso foi vivido com o temor e a angústia, mas os momentos felizes de quem foi se entendendo enquanto cartógrafa de seu processo tornaram-se cada vez mais constantes. O encontro com a Cartografia me ensinou a compreender que não a produzia sozinha.

Todos os corpos envolvidos na criação de palavras das quintas de manhã se faziam cartógrafos na medida em que buscavam sempre elementos e alimentos para compor seus processos, tal qual aponta Rolnik (1989) acerca do cartógrafo que constrói sua cartografia juntamente com as paisagens que ele acompanha. Talvez seja possível, neste sentido, atrever-me a nomear o grupo como uma grande cartografia, construída por muitas mãos. Sobre o cartógrafo:

“Este é o critério de suas escolhas: descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender. Aliás, “entender”, para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. Para ele não há nada em cima - céus da transcendência -, nem embaixo - brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão. E o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem”. (ROLNIK, 1989, pág. 02)

A cada encontro os participantes que frequentam a oficina foram inventando suas próprias pontes de linguagem, encontrando meios de dar passagem a suas tantas intensidades em busca de expressão.

Clarice, por exemplo, foi experimentando até entender que gosta de trabalhar com colagens e histórias criadas a partir destas. O primeiro contato que tivemos foi quando pediu minha mão emprestada para escrever uma carta para a residente que terminaria seu trabalho de campo naquela semana. Clarice queria encontrar um meio de expressar a dimensão de seus

sentimentos, que eram tão grandiosos a ponto de ela querer preencher um caderno inteiro com declarações.

Pedia-me ideias, frases, “palavras bonitas”. Com sua fala ligeira, repetia: “põem aí o que você acha que fica bom”. Eu tentava dizer-lhe: “os sentimentos são seus, as palavras também podem ser suas”. A princípio contrariada, trazia de dentro algo a dizer, irritava-se por vezes com a falta de respostas prontas, mas ao longo de nosso contato e dos encontros do grupo, foi entendendo que tem sim, muito a dizer.

Na medida em que recebeu o reconhecimento daquilo que produzia, não sentiu mais a necessidade de emprestar palavras já prontas – passou a criar as suas próprias. Dos pedidos de Clarice para colocarmos no papel aquilo que “achamos”, passamos de nossos pedidos - mediadoras- a ela: “Clarice, são muitas ideias, diga mais devagar, para que se possa acompanhar”.

Quando penso no reconhecimento do trabalho e a apropriação de si que surge a partir deste retomo uma cena viva em minha memória: Clarice com um cartaz autoral, colagens e frases para a marcha do Dia da Luta Antimanicomial. Agarrava-se ao cartaz com força, e com atitudes próprias de sua natureza altamente sociável, puxava assunto com qualquer pessoa que lhe chamasse – ou lhe desse – atenção. Uma senhora lê o cartaz de Clarice atentamente, diz: “esse cartaz representa tudo que penso, está lindo”. Os olhos de Clarice brilham. Em um ímpeto, quer presentear a senhora com a sua produção, e então recebe a resposta: “mas não pode ficar guardado na minha casa, tem que ficar exposto, pra todo mundo ver”. Clarice então leva o cartaz de volta ao Ceco. Desmonta-o, para então remontá-lo. Decide transformar em livro.

Se Clarice trabalha em seu livro e pede nossas mãos emprestadas para fluir suas tamanhas ideias sobre o que percebe do mundo, Lygia, por sua vez, tem grande apreço pela escrita com suas próprias mãos. Pede ajuda na formação das palavras, e precisa que ditemos às vezes letra por letra. Algumas palavras ela sabe de memória e coração – Um tempo: hoje e um verbo: quero. Suas produções sempre compõem com desenhos pintados por ela – geralmente figuras humanas. Em seus textos, gosta de inventar histórias com personagens e falar de seus desejos e sonhos. Certa vez nos contou que do grupo espera “aprender a ler”.

Tal qual Clarice e Lygia, todos os participantes da Oficina encontraram meios muito singulares de expressar as intensidades do existir. Este movimento, de início, confundia-se em

meus pensamentos, anotações e reflexões enquanto obstáculo a construção de um espaço coletivo e da produção do comum. O retorno aos diários de campo aponta, inclusive, dúvidas sobre a possibilidade de construir algo coletivo através da escrita – prática que por vezes assume caráter tão intimista e introspectivo.

Contudo, a atitude de abertura ao movimento do grupo e do que a partir dele surgir me fez entender que o estar junto enquanto fazíamos possibilitou, aos poucos, que criássemos uma linguagem comum - a linguagem da oficina – mesmo que nem todos estivessem no mesmo registro ou ritmo de linguagem. Mais do que fazer junto, desde o primeiro instante esteve presente o exercício do compartilhamento de experiências, tal qual descrito por Galletti (2004).

Os encontros sempre agitados e cheios, tiveram no início da jornada momentos de escrita, desenhos e intensas conversas. Os assuntos e propostas eram às vezes definidos, às vezes não – sugeridos pelos frequentadores, ou pelas mediadoras. Nossa pasta ficava cada vez mais cheia daquilo que cada um criava. Perguntava-me que destino poderíamos dar a tudo que acontecia cada vez que nos reuníamos para escrever.

Certo dia, conversamos sobre poesia, sobre o que é poesia e o que é poema – o grupo fala, interage, associa poesia ao amor, a natureza, expressão de sentimentos e música. Alguns produzem poesia, outros desenhos com textos ou pequenas frases. Cora, participante flutuante que aparece às vezes para construir o cenário do dia, desenha árvores e flores e nos conta que “a poesia traz paz”. Lygia nos diz que tem o sonho de conhecer a Biblioteca Municipal e o mundo. Nós mediadoras, sempre atordoadas com a riqueza, profundidade e espontaneidade com que surgiam as palavras, ao mesmo tempo nos víamos angustiadas com questionamentos e problematizações relacionadas aos processos do grupo, ao destino que teriam as produções, e para onde caminhar com todos os conteúdos que nos parecem tão preciosos. Rondava também uma espécie de frustração a cada vez que propúnhamos uma atividade única, feita por todas as mãos, ou a realização de um passeio.

Depois de um encontro difícil, em que tentamos conversar com o grupo sobre sugestões de passeios que haviam sido levantadas até então – uma exposição no SESC, o correio e a Biblioteca Municipal - com o grupo disperso, receoso com a saída e dizendo que preferia “ficar aqui mesmo”, nós, mediadoras, conversamos longamente e eu, depois disso, conversei muito comigo mesma.

Em primeiro lugar, sentíamos a necessidade de diferenciar o espaço do proposto pela FUMEC. Sentíamos-nos muitas vezes receosas com o risco de assumir uma postura pedagógica, tentando “ensinar” alguma coisa sobre ler, quando as pessoas poderiam estar ali buscando só mãos emprestadas para as ideias fluírem – também me inquietava junto com as outras mediadoras com esta posição que poderia vir acompanhada de um suposto saber-poder que advém de um também suposto domínio do código da escrita. Além da constante atenção para as relações de poder que aparecem na relação usuário-terapeuta, entendemos neste dia que as relações de poder que acompanham a palavra escrita precisariam a todo instante, de nossa máxima atenção e cuidado.

Estas reflexões me remetem a regra do cartógrafo, descrita por Rolnik (1989) enquanto “regra de ouro”:

“(…) o cartógrafo sabe que é sempre em nome da vida, e de sua defesa, que se inventam estratégias, por mais estapafúrdias. Ele nunca esquece que há um limite do quanto se suporta, a cada momento, a intimidade com o finito ilimitado, base de seu critério: um limite de tolerância para a desorientação e a reorientação dos afetos, um ‘limiar de desterritorialização’”. (ROLNIK, 1989, pág. 4)

Foi primordial, neste processo que aqui recrio poder entender o quanto o grupo suportava nossas mudanças ou não, na medida em que avançávamos. Conforme Rolnik (1989) esta leitura dos acontecimentos tem relação ao que o “corpo vibrátil” capta no ar, atuando como uma espécie de feeling que varia em função da singularidade de cada situação, traduzindo-se em uma “regra de delicadeza para com a vida” (ROLNIK, 1989, pág. 4). As respostas para nossas perguntas (e também perguntas novas) surgiam na medida em que o limiar de desterritorialização do grupo se transformava.

Em um encontro definitivo para nosso caminhar, iniciamos o grupo perguntando o que cada um pensava a respeito da Oficina de Palavras. Quem começa falando é Manoel, nosso poeta e criador de infinitos versos e rimas. É também sempre o primeiro a chegar, e nos conta que para ele este espaço é de “compartilhamento”, “trocas de saberes” e de “jogar sementes que germinam aos pouquinhos”. Oferece-se para ajudar Lygia que nos conta que deste espaço espera “crescer e aprender a ler”, que nele gosta “dos desenhos e da poesia”. Sua fala é seguida pela fala de Hilda, que não traz de maneira explícita os sentidos do grupo para si, mas sim uma sugestão: construirmos um “jornalzinho” do grupo – tal qual experimentara em outra

Oficina, em outro serviço. Diz que não dá para ficar “parado, guardado na pasta”, e sugere um nome para o projeto – “O que se passa por aqui”.

O grupo todo se empolga com a ideia, dá ideias a partir da mesma: “Dá pra colocar receitas”, “dicas de filmes”. Alguns pensam em usar o espaço para falar da situação política do país e do município, todos desejam distribuir o produto final “por aí”.

L. sugere então que pensemos a confecção de um fanzine. O grupo todo, atento e participativo como nunca, aceita a proposta e então revisitamos os trabalhos de cada um, todos decidindo o que daquilo que foi feito queriam mostrar, pensando de que forma iríamos começar a contar aos outros “O que se passa por aqui”.

Agora, estávamos prontos para isso.

2.3 Ampliando o limiar de desterritorialização: a construção do Fanzine, os passeios e a ida à Biblioteca Municipal de Campinas.

O grupo avançou na construção do fanzine durante alguns meses. Recortamos, colamos, pintamos – cada um com uma página autoral. Este processo de criação trouxe novos ares, novos movimentos para o grupo. A experimentação estética da escrita do fanzine proporcionou a possibilidade de aventurar-nos na fronteira que Lima (2006) aborda ao tratar das intervenções clínicas em interface com as produções estéticas. A autora descreve uma “linha fronteira na qual a vida disputa com a doença, a miséria, a morte” (LIMA, 2006, pág. 318).

A vivência de estados clínicos proporcionados pela criação artística e experiências estéticas, são observadas como produtoras de um poderoso efeito para quem as experimenta, de acordo com Lima (2006). Neste contato com a criação, o sujeito vai além de expor a si mesmo e o seu sofrimento: ele realiza um fato de cultura.

O “fato de cultura” nomeado “O que se passa por aqui”, quando pronto, foi levado por todo o grupo para impressão na gráfica próxima ao Centro de Convivência. O trajeto de cinco minutos tornou-se um passeio ao longo da caminhada, cada folha de outono era celebrada, cada animal que passava merecia alguns minutos de atenção e cada piada gerava gargalhada. Manoel, atento e intenso aos acontecimentos revela: “vou escrever sobre o passeio até a gráfica”. Depois deste dia, o registro no diário de campo trazia a fala de Manoel transcrita,

seguida de uma observação minha: “às vezes parece que esse grupo produz vida o tempo todo”.

De fato, tomando as observações de Lima (2006) ainda sobre as aproximações do cuidado com a arte, podemos observar a produção do fanzine e o contato com a criação de palavras como fatores que provocam um enriquecimento das vidas implicadas neste processo, “tomando a vida, e não a arte, como critério” (LIMA, 2006, pág. 326).

As mutações de nosso “limiar de desterritorialização coletivo” levaram-nos a concluir o fanzine e levá-lo para distintos espaços. Os participantes do grupo quiseram cópias para distribuir na vizinhança de suas casas, pela rua, “por aí”. Levamos e apresentamos nossa produção em sarau cultural realizado em outro Ceco da cidade.

A apropriação de um modo de expressão dominante (a escrita) por parte deste grupo de pessoas permitiu, tal qual apontado por Lima (2006), o atravessamento da linha divisória que separa estes corpos da produção cultural. Existe, portanto, um aumento da cidadania cultural, ponto que a autora enxerga como extremamente relevante no tocante à produção da vida e ampliação de suas possibilidades.

Desterritorializados na medida em que construíamos novos sentidos, também conseguimos ampliar nossos espaços de circulação pela cidade, enquanto coletivo. O grupo que antes se mostrava receoso e desmotivado com atividades externas criou, tal qual descrito em registro no diário de campo após algum passeio: “uma paixão pelas saídas”.

Neste momento do percurso deste trabalho, optei por destacar a ida até a Biblioteca Municipal de Campinas.

Um passeio vislumbrado desde o início do ano. Lygia revelou, em sua poesia que compõe o fanzine, que dentre seus tantos sonhos estava o de “de conhecer a biblioteca”. “Eu tenho vontade, amor” – ela escreveu em uma de nossas agitadas quintas-feiras. Desde que estas palavras foram compartilhadas com os companheiros escritores, tínhamos como norte da Oficina a organização de um passeio até a biblioteca e agora, mais uma vez, estávamos prontos.

O funcionário que nos recebeu preparou-se para isso. Contanto a história da biblioteca e lendo um livro para nós, fez com que nos sentíssemos em casa em um ambiente nunca antes visitado. O grupo que é sempre muito falante, escutou atento as histórias contadas e lidas,

olhava atento os corredores com livros e mais livros. Lygia tinha fogo nos olhos e repetiu algumas vezes “quero essa biblioteca toda pra mim”.

Conhecemos o setor de braile da biblioteca, sentimos os livros, exploramos outras formas de ler. Nas paredes do prédio, uma exposição chamada “Livro do Artista” – uma série de criações chamadas de livros, que fugiam do formato convencional. Mais uma vez o grupo experimenta a ampliação de sua cidadania cultural ao reconhecer em algumas das obras expostas, semelhanças com nosso fanzine.

Sáímos, inclusive, com a ideia de colocar o fanzine junto às obras da exposição. Contudo, no encontro que precedeu a emocionante ida à biblioteca, ao conversarmos coletivamente sobre a proposta, e como esta poderia ser articulada, Lygia lembra a nós, mediadoras, mais uma vez do exercício constante da “regra de ouro” da cartografia, postulada por Rolnik (1989). Lygia opõe-se ao fanzine exposto na biblioteca, suas falas nos impactam: “vão jogar fora, tacar fogo, rasgar” ou “não vão ligar”. Estávamos ali esbarrando mais uma vez nos limites da desterritorialização, e o quanto desta se suporta.

Há momentos em que simplesmente sentamos e conversamos, escrevemos e desenhamos. Se não estávamos prontos para o passo de expor o fanzine, por outro lado, ganhamos novos elementos para a composição de nossos encontros: descobrimos que além da criação de palavras, apreciamos a leitura de livros feita coletivamente. A cada encontro este coletivo fazedor de palavras me surpreende com toda a sua metalinguagem: sujeitos que falam sobre poesia, se atrevem a fazer poesia, enquanto são poesia em ato.

3. Considerações finais

A experiência de acompanhar e intervir no processo de criação e construção da Oficina de Palavras redimensionou e transformou minhas formas de pensar o cuidado, a produção de vida e a Reabilitação Psicossocial. Proporcionou o encontro com diferentes abordagens teóricas. Apresentou-me a cartografia, como tentativa de nomear e acompanhar os processos disparados em mim, em meu lugar de residente e psicóloga em constante formação e nos sujeitos escritores que também cartografaram este processo.

Sendo a cartografia um espaço tal qual postulado por Rolnik, de emergência de intensidades sem nome e germinação de novas ideias e novas línguas, e tendo eu nomeado a

Oficina de Palavras em determinado momento deste trabalho como uma grande cartografia produzida constante e coletivamente no decorrer dos encontros do grupo, atrevo-me a concluir que este processo configura algo próximo ao que Lima apud. Deleuze & Guatarri (1977) denomina “Uma literatura menor”:

“Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes, a que uma minoria faz em uma língua maior. (...) A segunda característica das literaturas menores é que, nelas, tudo é político. (...) A terceira característica é que tudo adquire um valor coletivo. (...) E se o escritor está à margem ou afastado de sua frágil comunidade, essa situação o coloca ainda mais em condição de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade”. (LIMA apud. DELEUZE & GUATARRI, 1977, p.25)

A Oficina de Palavras entendida como a constituição de territórios existenciais e construção da realidade teve espaço para existir em um Centro de Convivência, não à toa, espaço privilegiado para pensar ações com estes fins, na medida em que busca majoritariamente a criação de espaços de inclusão de pessoas em situação de exclusão, em articulação constante com a vida cotidiana e a cultura, tal qual apontam Ferigato, Carvalho e Teixeira (2016). Conforme os autores, os Cecos também têm no cerne de suas estratégias a criação de novos sentidos para as produções do território no qual se insere, bem como a produção de

“(…) novos modos de sociabilidade, ou ainda fabricar formas de sociabilidade alternativas, das quais todos nós estamos excluídos, na medida em que, em um contexto neoliberal, todos nós somos privados, em alguma medida, de viver um modo de convivência que valorize a ação coletiva pelo projeto neoliberal de sociedade”. (FERIGATO, CARVALHO & TEIXEIRA, 2016, pág. 83).

Na contramão do projeto neoliberal, os Centros de Convivência buscam a produção artesanal de novas formas de convívio e apropriação do espaço público, tal qual afirma Galletti (2004). Neste sentido, o experimento cartográfico que aqui se encerra não tem a pretensão de encerrar-se em seu tema, ao contrário, busca expandi-lo, busca reafirmar práticas que, como toda cartografia (Rolnik 1989), são atos políticos e apresentam caráter inevitavelmente transformador e produtor de vida. Busca fazer coro à reafirmação da existência e da resistência em existir que se faz ver no cotidiano do Ceco e no fazer de suas oficinas.

Este trabalho encontra seu sentido, justificativa e conclusão na reafirmação dos Cecos e suas práticas a partir da experiência formativa com a Oficina de Palavras. Os Centros de Convivência são pontos frágeis da rede de assistência, pois, embora tenham agora uma Portaria oficial que reconhece sua existência (Portaria 3088, 2011), não fazem parte das Políticas Oficiais do Ministério da Saúde e, portanto, não tem financiamento próprio ou legislação que garanta sua presença na Rede. Em tempos de epidemia da desigualdade, medo, violência e produção de indivíduos considerados “desnecessários” para a manutenção da lógica neoliberal, tal qual apontam Ferigato, Carvalho & Teixeira (2016), existe o resgate, no fazer dos Centros de Convivência, da capacidade de iniciativa política e cidadania dos diferentes grupos sociais que por ali passam.

A aposta feita é na reestruturação, a partir do plano micropolítico, dos laços sociais enfraquecidos e na produção de redes afetivas que produzem saúde e vida.

4. Bibliografia

1. ALEIXO, Juliana Maria Padovan. **Centros de Convivência: Experimentando outras formas de trabalho e gestão**. In: PÁDUA, E.M.M.; FERIOTTI, M.L (orgs.). *Terapia Ocupacional e Complexidade – práticas multidimensionais*. 1. Ed. Curitiba: CRV. 2013, p. 127-142
2. ALEIXO, Juliana Maria Padovan. **Centro de convivência e Atenção Psicossocial: invenção e produção de encontros no território da diversidade**. 2016. 117 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulo, Assis.
3. BRASIL, Portaria n° 3088, de dezembro de 2011. **Rede de Atenção Psicossocial**. Ministérios da Saúde. Gabinete do Ministro. 2011.
4. DE BARROS, Laura Pozzana & KASTRUP, Virgínia. 2015. "**Cartografar é acompanhar processos**". In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia & DA ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.
5. DELEUZE, G., & GUATARRI, F. (1995). **Mil Platôs: Vol. 1**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. 34 Letras.
6. ESCÓSSIA, Liliana. KASTRUP, Virgínia. PASSOS, Eduardo. (Orgs). **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* / orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. – Porto Alegre: Sulina, 2015. 207 p.
7. FERIGATO, Sabrina Helena. **Cartografia dos Centros de Convivência em Caminas: Produzindo redes de encontros**. 2013. 320 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
8. FERIGATO, Sabrina Helena; CARVALHO, Sérgio Resende; TEIXEIRA, Ricardo Rodrigues. **Os centros de convivência: dispositivos híbridos para a produção de redes que extrapolam as fronteiras sanitárias**. *Cad. Bras. Saúde Ment., Florianópolis.*, , v. Florianópolis, v. 8, n. 20, p. 80-103, 2016 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-21472016000300006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 21 dez. 2018.

9. GALLETTI, Maria Cecília. **Oficina em Saúde Mental: Instrumento Terapêutico ou Intercessor Clínico?** Goiânia: Ed. da Universidade Católica de Goiás, 2004
10. KASTRUP, Virgínia. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo.** *Psicol. Soc.*, Porto Alegre , v. 19, n. 1, p. 15-22, Apr. 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100003&lng=en&nrm=iso>. access on 10 Dec. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000100003>.
11. LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. Por uma arte menor: ressonâncias entre arte, clínica e loucura na contemporaneidade. *Interface (Botucatu)*, Botucatu , v. 10, n. 20, p. 317-329, Dec. 2006 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832006000200004&lng=en&nrm=iso>. access on 17 Feb. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832006000200004>.
12. Prefeitura do Município de São Paulo PMSP, Programa de Saúde Mental. **Normatização das Ações nos Centros de Convivência e Cooperativas Municipais**, São Paulo, 1992.
13. ROLNIK, Suely. **CARTOGRAFIA** ou de como pensar com o corpo vibrátil. Trechos de Suely Rolnik: *Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo*, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.